

O povão e o voto

JORNAL DE BRASÍLIA BOTANA

Toda uma vivência política de 25 anos não deu o devido preparo para os resultados surpreendentes da experiência que permitiu fazer uma "radiografia" política do DF. Convidada pelo brilhante jornalista e político Sebastião Nery a fazer a coordenação-geral de sua campanha para deputado federal por Brasília, tive a oportunidade de conhecer palmo a palmo o território do DF, seu povo e suas necessidades.

Vinda de São Paulo, capital, acostumada com a miséria e a tristeza de suas favelas, constatei que em Brasília esta vil condição praticamente não existe. Aqui, se há pobreza, ela traz em si evidentes sinais de prosperidade, que permite o vislumbre de um progresso e de um enriquecimento, que sem dúvida há de vir. Todavia, o aspecto positivo, que tanto causara impressão, em pouco tempo, foi turvado pelo comportamento das camadas mais pobres em relação ao voto e à democracia.

Assídua leitora da romancista histórica de origem inglesa, Janete Taylor Caldwell, discordava do seu desprezo para com o povão, qualificado em suas obras de mesquinho, invejoso, traiçoeiro e egoísta, posição esta que sou obrigada a reconsiderar.

Durante o período de campanha, o povão demonstrou clara tendência para vender o voto — fosse por uma camiseta, um boné, uma mísera caneta ou por tijolos, tintas, cestas básicas, operações cirúrgicas diversas, sopinhas, cobertores e mesmo ao preço mais barato da praça de R\$ 25,00 — o que alarmava, além de decepcionar, qualquer um consciente dos valores democráticos, principalmente quando tal ação é justificada por ser esta a época que se "arranca" favores e dinheiro dos políticos. Frente à chantagem do povão, fica dif-

cil um político dizer "não", e depois, se eleito, qual político vai querer saber deste povão chantagista? Ao contrário do que se alardeia é o povão que corrompe os políticos, não há como fugir dessa lamentável situação.

Nas urnas o povão provou o seu caráter. A grande massa do eleitorado, sempre alvo de considerações paternalistas, demonstrou carecer de dignidade, honra e fidelidade. Dois tipos de votos ganharam estrelismo: o voto vendido e o voto de traição, o último é o que, mesmo vendido, se transformou em outro na hora da votação, e que fez a desgraça de muito candidato.

Hoje a divisão política de Brasília ficou clara, de um lado está o poder econômico e do outro os que o combatem, ambos constituem elites políticas que consideram que, em se tratando de eleições, "vale tudo", ambas refletem uma mentalidade "urdida no espírito inferior" dos eleitores, que merecem os políticos que têm. No futuro, que ninguém reclame dos políticos eleitos, eles são os que mais sofreram os embates corruptores capazes de destruir qualquer credulidade de um processo democrático limpo e ético.

Em verdade, vencedores e vencidos deste pleito eleitoral, ainda por uma breve hora durante seu transcurso, comungaram de um mesmo sentimento: desilusão. É certo, que todos nós que participamos deste processo saímos com os corações endurecidos, com nossos ideais corroídos pela fria e mesquinha realidade humana, difícil de agüentar. Taylor Caldwell está com toda razão, por isso, poderemos contar com mais supresas no segundo turno do DF, mais isto é uma outra história.

■ Bia Botana é analista política